

5ª PARTE

DISCURSOS

A Revolta Positiva de Simone de Beauvoir

Beatriz Alcântara

Quando escrevi *La Revolte Positive de Simone de Beauvoir*, que publiquei em 1973, a Autora existencialista estava viva e contava 65 anos de idade e ainda desenvolvia uma produção literária efetiva e continuada. O sociólogo *Jean-Paul Sartre* era o seu companheiro de sempre, só vindo a falecer sete anos depois em 1980 e Simone em 1986, ambos em Paris.

Hoje, três décadas decorridas, estabeleceu-se um distanciamento muito além do que seria natural imaginar-se e alguns de seus posicionamentos podem parecer ultrapassados, contudo não se acham vencidos, a exemplo, a defesa de uma igualdade de oportunidades e salários entre homens e mulheres não foi conquistada.

Se hoje Simone de Beauvoir apresenta-se quase só como uma referência, e meus arroubos juvenis como iniciante ensaísta serenaram, os ideais permaneceram tal como o instigante prazer de tudo voltar a ler.

Por que retomei os temas beauvoirianos? Um convite e um apelo para que proferisse uma palestra lembrando vida e obra da mais expressiva escritora e filósofa feminista, surgiram de uma colecionadora de obras publicadas sobre a vida e a obra de Simone de Beauvoir, Dra. Gizela Nunes da Costa, na ocasião presidente da Academia Fortalezaense de Letras.

Voltei à minha prateleira de livros franceses. Um encantamento, como sempre, entre as sutilezas da língua que por muitos anos foi meu instrumento de trabalho. Folheei os textos da contestada escritora francesa, professora, filósofa existencialista, militante política e defensora da causa feminina.

Iniciei a retomada, por de vez, com a publicação que motivou meu curto ensaio, *Mémoires d'une jeune fille rangée* (*Memórias de uma Moça Bem Comportada*), no último ano do curso de Letras na Universidade Federal do Ceará.

Apercebo de imediato a alteração no enfoque. Nos bancos universitários havia o anseio de conhecer variantes no pensar e no agir, enquanto desejava que fossem desvendadas novas formas de se relacionar e viver. Hoje, Simone de Beauvoir chega-me por entre as brumas de um ontem encerrado, obediente a "verdades" finitas estipuladas pela humanidade. Em 1973, a Autora pulsava e escrevia em defesa de ideais singulares numa perfeita convicção de liberdade ao se exprimir. A defesa da liberdade foi a crença mais forte e constante, a causa primeira.

A luta pela condição feminina seria seu paradigma, lutar pela construção de um modelo social que permitisse às mulheres alcançarem a liberdade a partir do reconhecimento de uma igualdade inerente à condição humana, sem distinção de gênero.

No universo literário várias obras prescindem de um conhecimento factual da vida do autor. O que Simone de Beauvoir vivenciou se entremeia com o que pensava, defendia e veio a escrever.

Recordo. A escritora existencialista seguia o curso brilhante de sua vida enquanto eu estreava publicando as primeiras páginas ensaísticas apoiadas em seus ideais. Porque existia uma certa proximidade temporal, frequentemente escutava queixas e discordâncias a seu respeito, como se ela e eu fôssemos próximas.

Evoco Milton Dias, renomado cronista cearense e antigo professor na UFC. Certo dia, num tom de brincadeira abordou-me, "o que tens a dizer, Beatriz, da tua Simone com *A Cerimônia do Adeus* e o modo implacável como descreveu o envelhecimento e a degeneração de um homem como o Sartre?"

Refaço a trilha da Autora. A liberdade foi seu maior tema, o vetor de todos os demais. "A liberdade não será nunca dada; ela terá sempre de ser conquistada", esta frase extraída de *Por uma Moral da Ambiguidade* foidesde sempre a mais marcante para mim.

Uma de suas biógrafas, a americana, Carol Ascher, deteve-se neste vector, "Há uma ambiguidade fundamental, partilhada por todos nós, entre a verdadeira liberdade para refazer nosso mundo, com

toda a responsabilidade que isso implica, e as restrições que, a todo o momento, influem contra nós."

Simone empenhou toda força anímica, destemor e determinismo para conquistar e manter sua própria liberdade.

Oriunda de uma família de raízes fortemente católicas da alta burguesia francesa, o avô materno banqueiro e o pai descendente da nobreza, a religiosidade era o mais sério esteio familiar.

Na adolescência, por três motivos fortes e diferentemente vivenciados, a crença e a devoção a Deus foram abaladas e vieram a ser extintas.

Difícil e aflitivo período. Porém, tão logo adquiriu o vigor moral necessário, anunciou à mãe e à amiga confidente desde a infância, Zazá, não mais estar devotada a Deus e nunca mais querer professar qualquer dogma religioso católico.

Sem Deus para lhe apontar o caminho, Simone encontrou-se, para sempre só, uma solidão consciente e escolhida.

O universo protegido pela certeza do bem e que toda a família por gerações professara como crença indissolúvel, ela acabara de renegar.

A ambiguidade foi descortinada. Instalou-se a dualidade do bem herdado por conceitos familiares ancestrais e a defesa de novos conceitos ideológicos: a existência sem Deus e a liberdade individual sempre entravada pela lei.

Na Sorbonne, em 1929, Simone de Beauvoir conheceu *Jean-Paul Sartre*, como ela, estudante de Filosofia. Pelo resto da vida ele foi o duo a preencher parte da solidão, a grande influência.

O Existencialismo veio em forma de doutrina que ela absorveu, embora não o tenha utilizado de forma sistêmica em sua obra literária. A vida e o modo de pensar brotavam em simultâneo com a história da corrente filosófica do pensamento livre, o Existencialismo.

A solidão acabou por amadurecer e passou a ser defendida como um ato de consciência legítima, atestado nessa passagem de *Por uma Moral da Ambiguidade*: "Dista bastante a idéia de que a ausência de Deus autorizada e qualquer licenciosidade, ao contrário porque o homem foi abandonado sobre a terra é que seus engajamentos são

definitivos, absolutos; ele é o responsável por um mundo que não é obra de um poder estranho, mas dele mesmo, e onde ficarão inscritos tanto seus defeitos como suas vitórias”.

Por cinco décadas Simone e Sartre estiveram próximos, foram os maiores amigos, companheiros, cúmplices, amantes e mesmo colaboradores, como na revista *Les Temps Modernes* (do qual participaram ainda Raymond Aron, MerleauPonty, Albert Ollivier e Jean Paulhan. Albert Camus e André Malraux que embora integrassem o mesmo grupo recusaram-se a participar).

Se a vida partilharam, do ideário político filosófico comungaram. A influência foi recíproca e a esse respeito os dois se pronunciaram numa entrevista concedida a Michel Sicard, professor da Universidade Paris 1- Sorbonne, publicada nos *Entretiens avec Simone de Beauvoir et Jean-Paul Sartre*.

Num outro momento, Simone confidenciou que cada um lia os manuscritos do outro, comentavam, faziam críticas e elogios.

Jamais residiram na mesma casa. “Não são as pessoas que são responsáveis pelo falhanço do casamento, é a própria instituição que é pervertida desde a origem”. No entanto a união entre eles era estável, “Bruscamente eu não estava mais só... nossas tentativas de compreender o mundo são empreendidas com as mesmas ferramentas, montadas no mesmo arcabouço... muito frequentemente um de nós começa uma frase e o outro a termina... Já não nos espantamos quando, mesmo em nosso trabalho, vamos ao encontro um do outro... Nossos temperamentos, nossos critérios, nossas decisões, permanecem diferentes, e nossos escritos são, num todo, quase que totalmente dessemelhantes.”

Sartre foi mais reservado ao referir-se à sua vida pessoal. Castor (como ele gostava de chamá-la) foi a moça de família burguesa católica que aceitou partilhar com ele um projeto existencial jamais passível de ser aceito por qualquer outra jovem.

O racionalismo foi o mais forte liame no relacionamento entre ambos. Em ocasiões de perguntas mais intimas, afirmavam convictamente, “Existir, é se beber sem sede”.

Antes que se analisem alguns aspectos relevantes na obra literária de Simone de Beauvoir, gostaria de registrar que muitos foram os incomodados com seus escritos ateus ou feministas e, na intenção de diminuir seu valor intelectual, denominaram-na, maldosamente de "*La grande Sartresse*".

Para a escritora existencialista as características diferenciais entre os dois sexos restringiam-se a uma questão secundária, e o que realmente resultava numa diferenciação individual era estabelecida a partir do grau de conquista obtida, ou seja, à medida que se evolui para uma vivência autônoma e consciente.

Toda heroína de Simone de Beauvoir, sem exceção, é pessoa amorosa, apaixonada e nenhuma delas assexuada e sequer reivindicadora.

Várias personagens dos romances agem em seus atos de rotina sob uma nebulosa inautenticidade. A passividade dessas mulheres, muitas vezes surge como fio condutor, clareiam o expandir do vazio para revelar uma existência desmotivada e vã.

No romance *Todos os Homens São Mortais*, numa referência à protagonista Regina, observa-se esse enfoque, "Ele lhe arrancou todas as máscaras, e mesmo seus gestos, suas palavras, seus sorrisos; ela não era nada além que um bater de asas a esvair-se pelo meio do vazio, do nada. Ele conseguia distinguir perfeitamente por detrás das palavras, dos gestos e dos sorrisos, em tudo, a mesma atitude fingida, o mesmo vácuo."

Ressalte-se que o vazio e o nada mencionados não são uma conduta comum a todas suas personagens femininas, algumas de suas protagonistas conseguiram assegurar uma liberdade individual e por tal vitória, expandiram as potencialidades e obtiveram vocação própria, tornaram-se pessoas inteiras, vitoriosas, no feminino.

Simone não se permitia aceitar a existência de uma natureza própria feminina, ao contrário, afirmava que a condição feminina era uma imposição, "Não se nasce mulher: torna-se". "É pelo trabalho que a mulher vem diminuindo a distância que a separava do homem, somente o trabalho poderá garantir-lhe uma independência concreta".

Mas a fragilidade humana a que todos estamos sujeitos, numa completa imprevisibilidade pode surgir abalando ainda os mais fortes e determinados, acomete e questiona convicções as mais firmes numa ambiguidade martirizante.

Simone escreveu sob emoção, "Eu gostaria muito de ter o direito, eu também, de ser simples e muito fraca, de ser mulher... Hoje cedo desejei ardentemente ser a garota que comunga na missa da manhã e tem uma certeza serena... No entanto, não quero acreditar: um ato de fé é o ato mais desesperado que existe e quero que meu desespero pelo menos conserve sua lucidez. Não quero mentir para mim mesma."

Os textos de SB muitas vezes surpreendem pelo modo direto da expressão e deixam entrever que a erudição não consistia num objetivo em si a ser perseguido. As palavras com frequência emanavam do texto num modo apressado, urgente ressaltando a verdade e por isso sobrepondo-se a uma forma mais elaborada de escrita. A verdade não podia fingir, a escrita podia aceitar uma condição mais natural, instintiva, quase áspera, afinal ela estava a serviço do real.

Se a revolta de Simone de Beauvoir foi positiva e o lirismo, mesmo que por muitos modos tenha sido repellido, nem sempre foi afixado como na passagem que se segue do livro *O Segundo Sexo*, "A mulher se transforma em planta, pantera, diamante, madrepérola, envolvendo seu corpo de flores, de peles, de pedrarias, de conchas, de plumas, ela perfuma-se para exalar um odor de rosa ou de lírio: mas plumas, sedas, pérolas e perfumes servem também para driblar a crueldade animal de sua carne, de seu odor. Ela pinta a face, a boca e as maçãs do rosto para lhes dar uma plasticidade imóvel de máscara, tudo no intuito de realçar os reflexos luminosos do seu olhar..."

Antes que se encerrem os momentos dessa curta palestra, debrucemo-nos sobre um livro que levantou muita polêmica, a muitos desagradou e que incomoda a quem o lê até em dias atuais, *A Cerimônia do Adeus*. " 'É, então, a cerimônia do adeus?, - disse-me Sartre quando nos separamos por cerca de um mês, em princípios de

um Verão. Compreendi então o sentido que teriam um dia essas suas palavras. A cerimônia durou dez anos e são esses mesmos anos que descrevo neste livro."

O livro compreende duas partes, a primeira atende os últimos dez anos de convívio entre Simone e Sartre, 1970/1980.

A segunda parte, "Conversas com Sartre", consta de diálogos pelos dois compartilhados, momentos distendidos entre o verão e o outono de 1974.

A publicação do relato ocorreu em 1981, um ano decorrido da morte de *Jean-Paul Sartre*.

Uma obra questionada desde seu lançamento, um relato de momentos aflitivos, situações atemorizantes semelhantes à ocorrência de constatar um sangue vertido de seu próprio corpo e que não se acha de onde vem.

No término da primeira parte, a mais difícil de transpor, fica-se com o mal-estar de presenciar a dor no outro sem forças, desmemoriado e senil, um temor exemplar de que essa mesma dor possa estar encapsulada em nosso íntimo. Não há como se chegar ao fim do livro sem que se tenha conhecido um momento de lágrimas enquanto se é tomado de absoluta admiração pela coragem e fidelidade ao real, à verdade, à liberdade de viver e de tudo escrever, sem fuga.

Gostaria de encerrar nosso reencontro com uma das escritoras mais convincentes do século XX, "Que nada nos defina. Que nada nos sujeite. Que a liberdade seja a nossa própria substância".

Bem haja a todos!

(ANEXO distribuído, de antemão com a plateia, uma vez que a palestra deveria transcorrer no tempo restrito de trinta minutos.)

Simone de Beauvoir (1908-1986)

“Não se pode escrever nada com indiferença”.

Simone de Beauvoir

Simone-Ernestine-Lucie-Marie Bertrand de Beauvoir, professora, escritora, filósofa existencialista, política e feminista.

Cronologia

- 1908 – Nasce em Paris Simone de Beauvoir a 9 janeiro, no elegante endereço Boulevard Raspail.
- 1913 – Simone inicia os estudos, no conceituado Le Cours Désir.
- 1917 – No Cours Désir conhece e trava uma longa e duradora amizade com Elizabeth Mabile, Zazá, companheira inseparável de estudos, princípios religiosos e ideais.
- 1926/27/28/29 – Ela cursa Filosofia e Letras na Sorbonne.
- 1929 – Simone e Jean-Paul Sartre se conhecem e ambos recebem o Diplome de Agrégation de Philosophie na Sorbonne. Em outubro passa a assistente no Lycée Victory Duruy em Paris.
- 1931 – Simone e Sartre são designados isoladamente, ela para o Lycée de Marselha e ele para o Havre. Sartre propõe casamento e Simone recusa a oficialização.
- 1932/36 – Simone passa a ensinar no Lycée de Rouen.
- 1936 – Transferida definitivamente para Paris, ela leciona no Lycée Molière, depois no Lycée Camille Sée, seguindo-se Lycée Victor Duruy até abandonar o magistério em 1944, com 36 anos.
- 1933 a 1944 – Sartre leciona no Havre, vive em Berlim durante 1 ano, leciona nos Lycées Laon e Pasteur em Paris, é recrutado pelo exército francês, feito prisioneiro de guerra na Lorena de onde consegue evadir-se em 1941.
- 1945 – Simone, Sartre e alguns membros do grupo fundam a revista Les Temps Modernes.

- 1956 – Viagem à China e URSS na companhia de Sartre.
- 1960 – Viagem dos dois sociólogos a Cuba.
- 1960 – Viagem de Simone e Sartre ao Ceará a convite do reitor da UFC, dr. Martins Filho, relatada por SB em *Sob o Signo da História*.
- 1962 – Viagem a URSS com Sartre e ainda em 1964, repetindo-se por mais alguns anos.
- 1966 – Na companhia de Sartre viaja ao Japão.
- 1967 – Sempre acompanhada por Sartre, frequenta o Tribunal Internacional Russel que investiga os crimes de guerra no Vietnam, viajando também para o Egito e Israel.
- 1968 – Apóia e participa das manifestações estudantis na Sorbonne.
- 1974 – Eleita presidente da Liga dos Direitos da Mulher, manteve o cargo até ao fim de sua vida.
- 1980 – Morte de Jean-Paul Sartre.
- 1986 – Morte de Simone de Beauvoir, a 14 de abril, em Paris.

Livros

- 1943: *L'Invitée*, **A Convidada**, romance.
- 1944: *Pyrrhus et Cinéas*, **Pirro e Cinéias**, ensaio s/ ações éticas.
- 1945: *Le Sang des autres*, **O Sangue dos Outros**, romance.
- 1945: *Les Bouches inutiles*, **As Bocas Inúteis**, peça de teatro.
- 1946: *Tous les hommes sont mortels*, **Todos os Homens são Mortais**, romance.
- 1947: *Pour une morale de l'ambiguïté*, **Por uma Moral da Ambiguidade**, ensaio.
- 1948: *L'Amérique au jourlejour*, ensaio e testemunho.
- 1948: *L'Existencialisme et La Sagesse des Nations*, ensaio.
- 1949: *Le Deuxième Sexe*, **O Segundo Sexo**, ensaio filosófico, clássico da literatura feminista.
- 1954: *Les Mandarins*, **Os Mandarins**, romance.
- 1955: *Privilèges*, ensaio s/ o egoísmo.
- 1957: *La Longue Marche*, ensaio s/ a sociedade chinesa.

1958: *Mémoires d'une jeune fille rangée*, **Mémórias de uma Moça Bem Comportada**, autobiográfico.

1960: *La Force de l'âge*, **A Força da Idade**, autobiográfico.

1963: *La Force des choses*, **A Força das Coisas**, relato de sua primeira viagem a USA.

1964: *Une mort très douce*, **Uma Morte Muito Suave**, autobiográfico.

1966: *Les Belles Images*, **As Belas Imagens**, romance.

1967: *La Femme rompue*, **A Mulher Desiludida**, novela.

1970: *La Vieillesse*, **A Velhice**, ensaio.

1972: *Tout compte fait*, **Balanço Final**, autobiográfico.

1979: *Quand prime l'esprituel*, **Quando o Espiritual Domina**, romance.

1981: *La Cérémonie des adieux*, **A Cerimônia do Adeus**, *Entretiens avec Jean-Paul Sartre : août - septembre 1974*, biografia.

Sobre a Obra

No primeiro romance, **A Convidada** (1943), os questionamentos existencialistas de: liberdade; ação e responsabilidade individual, temas ainda defendidos nos romances posteriores, **O Sangue dos Outros** (1944) e **Os Mandarins** (1954, Prêmio Goncourt), este último por muitos considerado como a obra-prima.

Sua tese existencialista preconizava que "Não se nasce mulher: torna-se.", introduzindo esse conceito em quatro autobiografias, **Mémórias de uma Moça Bem Comportada** (1958), **A Força da Idade** (1960), **A Força das Coisas** (1963) e **Balanço Final** (1972).

Nos ensaios críticos vale destacar *O Segundo Sexo* (1949), uma análise corajosa sobre a permanência e o valor das mulheres na sociedade; **A Velhice** (1970), observação do dilema de envelhecer, críticas ao mau comportamento para com os idosos; e **A Cerimônia do Adeus** (1981), uma escrita tida como impiedosa ao descrever aspectos da decadência de seu companheiro Jean-Paul Sartre.

Bibliografia

ASCHER, Carol. *Simone de Beauvoir: uma vida de liberdade*, trad. Salvyano Cavalcanti de Paiva, Rio de Janeiro: Liv. Francisco Alves, 1991.

BRISAC, G. ;BEAUVOIR Simone de. *Dictionnaire Universel des littératures*. Dir. de Béatrice Didier. Paris: Presses Universitaires de France, 1994.

GENNARI, Geneviève. *Simone de Beauvoir*. Paris: Classiques Du XXe. Siècle; EditionsUniversitaires, 1958.

GÖSSMANN, Elisabeth etall. *Dicionário de teologia feminista*. Trad. Carlos Almeida Pereira. Petrópolis: Vozes, 1996.

SIMON, Pierre-Henri. *Histoire de la littérature française au XXe siècle*. Paris: Armand Colin, 1956.